

TEMPO E ESPAÇO EM O MINOTAURO

Ernesto Wayne
Universidade Federal de
Santa Maria

1 — O MITO ESCONJURADO

Cecília Meireles (1979:59) alude ao papel que coube, na constituição da literatura infantil, às histórias escritas para uma única criança e que, depois, caíram no domínio geral da infância, como é o caso de **As aventuras de Telêmaco**, de Fénelon, cuja matéria é a mitologia homérica.

Por sua vez, Bruno Bettelheim (1978:51-2) diz que é pelo fato de os heróis míticos serem de porte sobre-humano que suas histórias são aceitas pelas crianças, pois, não fosse assim, a meninada desistiria de imitá-los. Entende ainda que os mitos não são úteis para a formação da personalidade total, apenas para a do superego, vez que se esperaria da criança tão-só procurasse copiar esses heróis em algum grau.

Por outro lado, ainda com Bettelheim, as personagens centrais dos contos de fadas, por serem criaturas normais, tais como a criança, a impressionariam a pela sua própria insignificância, criando-se assim um traço identificador.

Assim, com o Autor citado (Id. *ibid.*), os mitos atendem as exigências do superego; os contos de fadas integrariam o ego, permitindo a satisfação dos desejos do id.

Monteiro Lobato, em **O Minotauro**, junta figuras míticas a seus personagens humanos do Sítio, cabendo aos últimos ou a solução dos problemas das primeiras, ou o triunfo sobre esses seres monstruosos, com o recurso à astúcia; única arma contra seus poderes brutos.

"Começo cantando Palas-Atena..." (**O Minotauro**, 1978:47)

como também menciona o próprio Telêmaco,

"Sozinha em sua casa com o menino Telêmaco, a boa Penélope..." (Id., p. 128)

Assim, em convívio com a mitologia, as crianças devassam a privacidade do Olimpo, penetram na intimidade dos deuses e, usando a camuflagem dos arbustos, interceptam informações de Júpiter sobre o antídoto aos ferimentos de Hércules, o que lhes permite salvar-lhe a vida.

É com a inteligência que decifram os enigmas da Esfinge edípiana e é com a astúcia que a logram, quando os companheiros são incapazes de resolver as charadas. Com astúcia e inteligência, logram O Minotauro, achando a saída do labirinto.

Se, com Bettelheim, o mito terá suas inconveniências para a criança, Lobato o esconjura, não só o vencendo pela argúcia, como tendo o cuidado de situar os monstros homéricos na diacronia profunda, através da regressão aos tempos heróicos da Hélade, num momento anterior àquele em que

"Neste ponto a Lenda pára e a História começa..." (Id., p. 75)

Essa desmitificação de Júpiter, da Esfinge, da Hidra e do Minotauro, o auxílio decisivo dado a Hércules, tudo isso supera, portanto, o risco que haveria no confronto da criança com o mito, possibilitando a incorporação deste às histórias infantis, porque, com Lobato, a sobre-humanidade é vulnerabilizada. A vida de um semideus, Hércules, é salva graças a um "semi-homem", Pedrinho. A sobrenaturalidade da Esfinge e do Minotauro é "naturalizada": as perguntas são adivinhadas, o antropofagismo é onivorizado pelos quitutes de Tia Nastácia. Tudo isso, assim mesmo, quando a Lenda ainda não cedeu o tempo à História.

2 — O CONTRAPONTO DIACRÔNICO

Lenda e História, a narrativa de **O Minotauro** é construída na linha da sincronia e de duas diacronias:

a) **sincronia**, a contemporaneidade, 1839, tempo da partida e do retorno ao Sítio;

b) **diacronia I**, tempo da Grécia Clássica, Atenas, lugar da História, ali estão os artistas, filósofos, poetas e estadistas que tiveram existência real;

c) **diacronia II**, tempo de Homero e Hércules, a Tessália, lugar do mito, da Hidra, da Esfinge, dos centauros, das ninfas, dos faunos, do Minotauro.

As figuras do Sítio repartem-se: na Grécia de Péricles, Dona Benta e Narizinho; na de Homero, Pedrinho, Emilia e o Visconde. O pó de pirlimpimpim é o veículo dos deslocamentos: o de nº 1 atravessa o espaço; o de nº 2, o tempo. O primeiro faz a rota Tessália — Delfos — Creta; o segundo, Sítio — Grécia Clássica — Grécia Mítica.

A Grécia Clássica é a ocasião do discurso pedagógico, das informações sobre a administração, a política, a cultura, a arte helênica, a filosofia, a hermenêutica.

A Grécia Homérica é a narração, a sucessão de façanhas, peripécias e aventuras em que Emilia chega a enunciar a receita americana para fazer literatura infantil, mencionada por Cecília Meireles. (Id., p. 95)

"(...) toma-se uma pessoa ou animal, que se põe em movimento em determinada direção. Pelo caminho, irão aparecendo objetos, paisagens (...) assim se chega ao fim."

ao dizer:

"O gostoso é ir andando ao léu para ver o que acontece. Sempre detestei programas. (...) foram andando, andando, pela Grécia Antiga a fora a ver o que acontece [Grifo de Lobato]. Os três 'pica-paus' foram andando, andando, sem destino pela paisagem da Grécia Antiga. Paisagem que mudava de hora em hora: campinas, montanhas, florestas, bosques, rios..." (*O Minotauro*; p. 117-9)

Como em **O Saci**, estabelece-se um contraponto entre a dissertação (a cargo de Dona Benta) e a narração (na qual se move Pedrinho na Tessália), de sorte que o livro estrutura-se assim:

Dissertação: capítulos III a VIII (Desembarque na Grécia de Péricles, Em casa de Péricles, Discussões em Atenas, Fídiás nocaute, Visita às obras do Partenão, A estátua de Pálas-Atena). 6 capítulos.

Narração: capítulos IX a XIII (O pó número dois, Nos campos da Tessália, O sonho de Pedrinho, Em marcha para o Olimpo, Em procura de Hércules). 5 capítulos.

Dissertação: capítulos XIV a XV (Dona Benta e Sócrates, Batatas e Sócrates). 2 capítulos.

Narração: capítulos XVI e XVII (A hidra de Lerna; Ninfas, náiades, driades e sátiros). 2 capítulos.

Dissertação: capítulos XVIII a XIX (Os narizes de Atenas, Os gregos visitam o hiato). 2 capítulos.

Narração: capítulos XX a XXI (A Esfinge e o oráculo de Apolo, No labirinto de Creta). 2 capítulos.

Dissertação: capítulos XXII a XXIII (Sófocles aparece, A Panatenéia). 2 capítulos.

Os capítulos I — II e XXIV, claro, ficam reservados às funções, respectivamente, de partida e retorno.

Dessa forma, tem-se um contraponto entre duas diacronias (à semelhança de *O Continente*, de Érico Veríssimo) em que doze capítulos cabem à dissertação na Grécia Histórica; onze, à narração na Grécia Heróica, e em que essa distribuição transparece nos títulos dos capítulos:

Grécia Histórica

Cap. III	Cap. IV	Cap. V	Cap. VI	Cap. VII	Cap. VIII
Péricles	Péricles	Atenas	Fídias	Partenão	Estátua de Palas

Grécia Heróica

Cap. IX	Cap. X	Cap. XI	Cap. XII	Cap. XIII
Pón. nº 2	Tessália	Sonho	Olimpo	Hércules

Grécia Histórica

Cap. XIV	Cap. XV
Sócrates	Sócrates

Grécia Heróica

Cap. XVI	Cap. XVII
Hidra	Ninfas

Grécia Histórica

Cap. XVIII	Cap. XIX
Atenas	Atenas

Grécia Heróica

Cap. XX	Cap. XXI
Esfinge	Lab. de Creta

Grécia Histórica

Cap. XXII	Cap. XXIII
Sófocles	Panatenéia

em que se opõem, quase regularmente, Grécia Histórica/Grécia Heróica.

Aliás, Dona Benta e Emília explicitam esse procedimento simétrico:

"Ah, meus senhores — disse Dona Benta — estes meninos (...) Vão continuar pela Grécia adentro esta viagem; esta 'penetração' no passado. Eu (...) Prefiro ficar por aqui (...) Terrei mais gosto nesta cidade de Péricles, estudando costumes e conversando com vultos eminentes, do que andar à aventura com monstros da Fábula. Deixo isso para vocês, que estão no período heróico da existência," (O Minotauro: 55-6)

"— E que tem isso — animou Emília, — (...) Ela que fique cocando estas artes de Atenas. Eu quero aventuras. Sou quixótica..." (Id., ibid.)

Aos meninos, aventuras, período heróico da existência. Para Dona Benta, estudos e conversas. Mito/História, Narração/Dissertação.

3 — O PROCEDIMENTO DISSERTATIVO

As partes dissertativas, de propósitos educacionais, são resolvidas através da absorção da ficção-científica pela literatura infantil lobatiana, de onde se desentranham até instantes de reflexão hermenêutica e, também, uma metalinguagem relacionada com livros anteriores do Sítio.

3.1 — Dois aspectos da ficção-científica

A ficção-científica é entendida aqui em dois sentidos.

3.1.1 — Enquanto **ficção**: a inserção de seres imaginários na Grécia de Péricles; enquanto **ciência**, o professoralismo de Dona Benta:

"— Não é assim, minha filha, respondeu Dona Benta, — (...) a primeira Idália da Terra girar em redor do Sol nasceu nesta Grécia." (Id.: 44)

Em que se realçam as suas sempre úteis lições sobre democracia:

"Porque para o homem o clima 'certo' é um só: o da liberdade. Só nesse clima o homem se sente feliz e prospera harmoniosamente. Quando muda o clima e a liberdade desaparece, vêm a tristeza, a aflição, o desespero e a decadência." (Id.: 17)

3.1.2 — Ficção-científica, enquanto ação desenvolvida no futuro, com o aproveitamento das perspectivas do avanço científico dos séculos vindouros, como no Flash Gordon e no Buck Rogers. Ocorre, porém, que em **O Minotauro** esse ponto de vista é invertido: a tecnologia do presente é que é instaurada no passado, de sorte que, se na ficção-científica convencional, se tem uma obsolência do presente em relação aos inventos do porvir, aqui é um presente cientificamente adiantado que se introduz no atraso material do passado. Um Júlio Verne ao avesso, portanto, produzindo-se, dessa forma, apreciável recurso de estranhamento:

"Fídias franziu a testa. Máquina Explosões? Gasolina? Cavalos de força? Não entendia nada..." (Id.: 39)

A procedência dos personagens não é do pretérito, mas do futuro:

"— Por Afrodite! Com que então a senhora não se contenta de ver o futuro, também vem do futuro?..." (Id.: 99)

Sem que Lobato dispense, entretanto, futurologias, por sua conta:

"Visconde de Sabugosa foi o descobridor de umas ondas novas que receberam o nome de ondas sabuguianas, por meio das quais podemos transmitir mensagens (...) dum século a outro." (Id.: 103)

3.2 — Hermenêutica para crianças

Nessas passagens dissertativas, por vezes, singelamente, ilustram-se aspectos hermenêuticos como, por exemplo, os ligados à compreensão. É o que sucede no capítulo "Fídias no caute" em que os meninos mencionam objetos inimagináveis para o grego:

"— Automóveis? Que é isso (...) Fídias não entendia nada de nada (...) Que motor é esse? (...) Papel? (...) — Fumo? Fósforo? Acendedor (...)." (Id.: 39-40)

pois, com Coreth (1973:53-4),

"Todo falar tem seu 'sobre que', toda compreensão tem seu 'em que'. Só o 'posso compreender', se compreendo o que 'ele diz', 'sobre o que fala'. Logo, somente poderei compreender o outro em um olhar comum sobre a coisa de que se trata."

Não há, na passagem supra, na conversa entre Fídias e as crianças, "um olhar comum sobre a coisa", vez que os

objetos referidos, v.g., fósforo, são apenas enunciados lingüísticamente, não presentificados materialmente, porque, com Coreth ainda,

"A compreensão (...) não é um acontecimento bipolar (...) mostra uma estrutura triangular, na medida que falar e compreender se referem a coisa." (Id, ibid.)

Essa estrutura triangular é lacunosa, no diálogo Fídiacrianças, pela ausência do objeto fósforo, o qual concretiza-se, entretanto, cem páginas adiante, no capítulo "Os gregos visitam o hiato":

"Outra coisa que os encheu de assombro foi uma caixinha de fósforos. Quando a menina riscou um e apareceu a chama, o silêncio tornou-se geral. O fogo (...) estava (...) domesticado e preso dentro daquelas cabecinhas escuras! Péricles (...) riscou outro fósforo. Sócrates e Heródoto fizeram o mesmo. Aspásia riscou três (...)." (O Minotauro: 141)

eis que, com Coreth novamente,

"A compreensão lingüística só é possível no meio envolvente do mundo da experiência e da compreensão, na qual a coisa se mostra a mim (...) Compreensão lingüística (...) exige o olhar sobre a coisa; esta, porém, em si mesma, será aberta pela linguagem." (Id., ibid.)

Se correta essa "montagem hermenêutica", correta também a assertiva de Coreth, segundo a qual se pode compreender um texto.

"(...) de uma maneira nova, mais plena e rica de relações do que a que o autor excogitou ou mesmo poderia excogitar. Uma tal compreensão transcende (...) o primitivo sentido literal, mas (...) não constitui uma interpretação subjetiva. O próprio texto é quem fala numa situação cada vez nova, ele mesmo dá resposta a novas perguntas (...) abre (...) seu sentido num contexto cada vez novo e mais amplo. Gadamer (...) alude ao fato de que (...) compete a todo texto historicamente importante certa inescrutabilidade." (Id.: 130)

Efetivamente, como poderia Lobato excogitar de hermenêuticas e do pensamento de Gadamer, presentes em leitura de 1981, em seu livro "historicamente importante" que *O Minotauro* é?

É, de certo, o que quer dizer Ricoeur aqui:

"(...) o texto deve poder (...) descontextualizar-se de maneira a deixar-se recontextualizar numa nova situação: é o que justamente faz o ato de ler." (1977:53)

Quanto à História, diz Coreth:

"A mesma coisa se dirá dos conteúdos de nossa própria tradição espiritual e cultural, tanto da Antigüidade clássica, greco-latina, como também das fontes bíblico-cristãs. Desse dois elementos decorre a síntese da tradição cultural do Ocidente, a tal ponto que toda nossa história se realiza em contínuo retorno a essas origens, vivendo de uma interpretação dessa tradição e de um ajuste de contas com ela (...) tradição não é somente interpretação mas também (...) seleção. Nem tudo penetrou da mesma maneira na tradição. Esta (...) opera uma escolha, tomando certos aspectos, que ela (...) destaca (...) outros são omitidos (...) Até esse elemento seletivo pertence essencialmente à interpretação efetivo-histórica." (Id.: 135)

Pois bem, Dona Benta, literalmente, realiza "o retorno a essas origens", ao deslocar-se, espaço-temporalmente, a Atenas de Péricles e, ali, ajusta contas com a tradição. Primeiro, metodicamente, evidenciará o postulado de Sólon,

"— 'Aos que sofriam o jugo da servidão e tremiam diante dum senhor, eu dei a independência. E tomo o testemunho dos deuses ao afirmar que a terra da Grécia, da qual arranquei os grilhões, hoje é livre.'" (O Minotauro: 16)

para, mais adiante, quando Péricles diz

"— Vencemos a aristocracia, minha senhora, (...) Hoje a Grécia é positivamente governada pelo povo. Sólon revelou gênio ao conceber a nossa forma de governo (...) O governante é escolhido pelo povo." (Id.: 35)

contraditá-lo:

"— (...) Povo é a população inteira e aqui há 400 mil escravos que não têm direito de voto. Isto é injusto e será fatal à Grécia.

Essa idéia fez o grego sorrir.

— Acha então que pode haver uma sociedade sem escravos e senhores? (...)

— Uma sociedade justa não pode ter escravos, Senhor Péricles, (...) aqui todos pensam assim (...) Aristóteles dirá (...): 'Os homens dividem-se naturalmente em escravos e senhores (...)'." (Id.: 36)

Fica visto que Péricles e Aristóteles procedem uma "seleção" no texto de Sólon, Seleção? Ideologia, no sentido de má fé da classe dominante.

Em Sólon: "Aos que sofriam o jugo dum senhor, eu dei a independência."

Em Aristóteles: "Os homens dividem-se naturalmente em escravos e senhores."

Donde: continua havendo o jugo de um senhor.

"Isto é injusto e será fatal à Grécia" (Id.: 36)

diz Dona Benta, descortinando aqui, com Coreth,

"Acontecimentos que (...) parecem sem importância (...) podem às vezes chegar a repercussões históricas superdimensionadas". (Op. cit.: 137)

Só que Dona Benta oblitera aqui as relações de trabalho que tia Nastácia mantém com ela

Coreth dirá ainda:

"Para Gadamer, a compreensão é 'a inserção num processo de tradição, no qual passado e presente se entrelaçam continuamente'" (Id.: 134)

por isso,

"Pérgles atravessou o pátio, de braço dado a Dona Benta e de mão na mão de Narizinho." (O Minotauro: 66)

3.3 — Metalinguagem do Picapau Amarelo

Entre os procedimentos detectáveis nos capítulos de manifesto propósito pedagógico, está a metalinguagem relacionada com outros livros da série infantil de Lobato e que, aqui, se realiza de dois modos:

— citação de passagem de livro anterior ou referência a ela:

"Os leitores do 'Picapau Amarelo' fatalmente desapontaram com o desfecho da história." (Id.: 8)

"Sim, isso a senhora já nos contou na 'História do Mundo para as crianças'. (Id.: 15)

— menção a livro precedente, como pura coisicidade física, algo assim como as objetividades apresentadas de Ingarden (1979:241):

"Pérgles interessou-se profundamente por um exemplar de 'Reinações de Narizinho' encontrado lá" (Id.: 137)

4 — A CONFLUÊNCIA DAS ORIGENS

No restante, Monteiro Lobato lança mão, em *O Minotauro*, como em toda sua obra de ficção infantil, de elementos oriun-

dos das diversas fontes que vão desaguar na literatura moderna para crianças, utilizando *fademas* (cunha-se o termo aqui por analogia com os *mitemas* de Lévi-Strauss, e no sentido de unidade do conto de fadas) a intertextualidade, a paródia, a bricolage, a colagem, etc., como foi visto em estudos anteriores (*O sítio do sonho*, *Virgem às vertentes da ficção infantil*) e que agora, de novo, se constata.

4.1 — Traços dos contos de fadas

4.1.1 — O deslocamento emancipatório. (V. Bettelheim, op. cit. 118) em que, em *O Minotauro*, a Argólida equivale à floresta.

"Olhou. Realmente um pântano estendia-se à direita, até alcançar uns felos penhascos, semelhantes a ruínas dum monte." (O Minotauro: 93)

4.1.2 — O retorno ao lar. (V. Bettelheim, op. cit. 200).

"No dia seguinte estavam todos no Sítio do Picapau Amarelo, radiante de felicidade..." (O Minotauro: 173)

4.1.3 — A vitória pela astúcia (V. Bettelheim, op. cit. 41)

No Labirinto de Creta

"Quem entra não sai e acaba no papo do monstro — disse Pedrinho. — Mas nós sabemos o jeito de entrar e sair: é irmos desenrolando um fio de linha." (O Minotauro: 151)

Tia Nastácia, pela astúcia, faz o Minotauro passar do cru ao cozido:

"Depois me apontou para o fogão (...) não parei um instante de fazer bolinhos (...) comeu que foi engordando, engordando (...) Acabou completamente manso. Esqueceu até a mania de comer gente." (O Minotauro: 154)

4.1.4 — A água. (V. Bettelheim, op. cit.: 200)

A viagem dos personagens do Sítio à Grécia é feita por mar:

"Enquanto o 'Beija-Flor' sangrava os mares, Dona Benta ia derramando pingos de História na cabeça das crianças." (O Minotauro: 8)

A penetração na Grécia do passado é feita através de um mergulho:

"Todos concordaram e, fechando os olhos, fizeram tchibum! Foram sair lá adiante, em plena Grécia de Pércles." (O Minotauro: 18).

"(...) e das 'náiades' que são (...) ninfas das águas..." (Id.: 120)

4.1.5 — A árvore. (V. Bettelheim, op. cit.: 299; Held, 1980:99)

"Podemos nos disfarçar em arbustos. Amarraremos folhagens em redor do corpo (...)." (O Minotauro: 81)

"'hamadriades' (...) ninfas sempre presas dentro das árvores". (Id. ibid.: 120)

"(...) driades (...) ninfas das árvores que andam soltas (...)" (Id., ibid.: 120)

4.1.6 — Transformação do universo. (V. Held, op. cit.: 25)

Além dos seres híbridos: Minotauro, centauros, esfinge, etc.,

"Somos exploradoras do tempo graças a um pó mágico que nos leva a qualquer século que queiramos visitar." (O Minotauro: 67)

4.1.7 — Histórias de perigo, medo e morte. (V. Bettelheim, op. cit.: 15; Held, op. cit.: 99).

"O Monstro emergia do monte de cadáveres de suas últimas vítimas. Pedrinho fez cara de horror." (O Minotauro: 113)

4.1.8 — Os anseios orais. (V. Bettelheim, op. cit.: 247-8)

Antes de tomar parte na façanha de Hércules e libertar, depois, Tia Nastácia do Minotauro, os meninos provam o néctar e a ambrosia dos deuses do Olimpo (O Minotauro: 88) e tomam e copo de leite oferecido pelo pastor (Id.: 93).

O Minotauro, por sua vez, é derrotado por não haver superado a fase da oralidade. (Id.: 151)

"(...) o monstro estava gordíssimo, quase obeso, com três papadas caídas; o seu corpanzil afundava dentro do trono."

4.1.9 — Numerologia. (V. Bettelheim, op. cit.: 131, 248-9)

"Os três heróis lhe bateram à porta (...)." (O Minotauro: 90)

"O monstro de sete cabeças (...)". (Id.: 113)

"(...) sete bês e sete chiados (...)". (Id.: 115)

"Cérebro, o cão de três cabeças" (Id.: 126)

"Duas e duas, quatro, e três, sete. Sete cabeças, sim. Dizem que uma delas é imortal. Para mim, é a terceira da esquerda." (Id.: 95)

"Um tridentezinho de Netuno." (Id.: 107)

"Um monstro composto de três corpos humanos ligados entre si pela barriga." (Id.: 124)

"Fídiás deu ao grande mito das Três Parcas o melhor das representações." (Id.: 48)

4.1.10 — Escalada às alturas.

Com Bettelheim, "(...) a criança subirá às alturas para conquistar uma existência superior." (Op. cit.: 227)

No livro de Lobato, as escaladas ao Partenão, ao Olimpo, aos penhascos de Argólida:

"Foram andando, andando, sempre a subirem as encostas (...) Foram subindo, subindo. Lá bem no alto detiveram-se." (O Minotauro: 80)

"Pedrinho, no alto do rochedo, contemplava a maravilhosa corrida." (Id.: 112)

4.1.11 — A recompensa.

Em Bettelheim: "João consegue a harpa de ouro, que simboliza a beleza, a arte, as coisas superiores da vida". (Op. cit.: 228-9)

Da mesma forma, Pedrinho recebe

"(...) o maravilhoso presente que Policleto oferece (...) a luta do herói contra a hidra de Lerna (...) escultura, uma das mais perfeitas obras-primas da arte helênica." (O Minotauro: 172)

4.2 — A Paródia

Se a paródia é, com Bakhtin, onde

"(...) o autor fala a linguagem do outro, porém (...) reveste essa linguagem de orientação diametralmente oposta à orientação do outro (...) uma vez instalada no discurso (...) entra em hostilidade com o seu agente primitivo e o obriga a servir a fins diametralmente opostos. O discurso se converte em palco de lutas entre duas vozes." (1981: 168)

então em *O Minotauro* há a reparódia de Cervantes (que D. Quixote é paródia da cavalaria andante), ao fazer com que o herói engorde:

"D. Quixote até engordou vários quilos". (*O Minotauro*: 70)

Igualmente, o Minotauro fica obeso e manso (Id.: 154).

Parodia-se o *Édipo rei* com a resposta dessacralizadora de Emília ao enigma da Esfinge, a respeito de quem anda com os pés na cabeça: "— Piolho!" (Id. 145).

O discurso bacharelesco, ao estilo do início do século, é parodiado:

"A galante Candoca vai unir-se ao Doutor Filogênio pelos laços sagrados do himeneu." (Id.: 9)

4.3 — Intertextualidade

Além da metalinguagem, pois a todo instante, no livro, Lobato alude a obras literárias, notadamente as gregas (passim.), projetam-se sobre *O Minotauro* ressonâncias da

4.3.1 — Tragédia

com a paráfrase de uma tragédia euripídiana (Id.: 161), onde Sófocles permite-se discorrer sobre a função social da arte:

"(...) arte que interessa a todos da cidade (...) desde os gênios (...) como Sócrates (...) até modestos vendedores de figos." (Id.: 162)

Nessa passagem, Lobato intertextualiza até os cochilos dos autores dos "roman-fleuve", folhetins e das aventuras de capa e espada, à Dumas, Zevaco, du Terrail, Balzac, de Sue, etc., ao classificar Sócrates de gênio, pois, à época da ação de *O Minotauro*, lê-se antes:

"(...) pois Sócrates não passava dum ateniense como inúmeros outros, bom soldado nas guerras, bom conversador, bom argumentador e muito amigo de discussões, mas só." (Id.: 98)

4.3.2 — Comédia

Mencionam-se Aristófanes e suas comédias (Id.: 158), Alemanha compareceu (Id.: 81) e os equívocos do *Anfitrião* de que ela é protagonista, em Plauto e Molière, mais os desacertos de

A Comédia dos Erros shakesperiana, cujo tema é ainda o de *Anfitrião*, insinuam-se nas confusões advindas do trato com os objetos do século XX (passim) e, também, na existência de profissões como garção (Id.: 87) e de objetos como geladeira (Id., *ibid.*) no Olimpo.

4.3.3 — Epopéia

Aproveita-se a epopéia nos trabalhos de Hércules, nas transcrições de Homero, não faltando ainda itens obrigatórios da épica, como o concílio dos deuses:

"Viram o imponente Zeus em seu trono de ouro, a conversar com as demais divindades do Olimpo." (Id.: 81)

e fiapos do erotismo da ilha dos amores, de Camões e seus predecessores:

"Os sátiros vieram muito risonhos e começaram a tocar músicas (...) As ninfas imediatamente se assanharam e foi uma dança maravilhosa." (Id.: 121)

4.3.4 — Romance histórico

Se o romance descende da epopéia e se Lukács (apud. Flávio Loureiro Chaves, 1981:75),

"(...) demonstrou de maneira cabal que, na maioria dos grandes romances históricos, as personagens historicamente reais são secundárias e, via de regra, desempenham uma ação secundária na ação propriamente dita."

então *O Minotauro* assimila essa espécie romanesca, trazendo à cena Péricles, Sócrates, Fidias, Aspácia, etc.

4.4 — Bricolage

Figuras da tragédia (a Esfinge), do mito (Hércules, Minotauro, deuses gregos) são desentranhados das obras e relatos a que pertencem e reaproveitados na narrativa infantil lobatiana, bem como do romance e do conto de fadas, o que, de resto é sistemático no universo do Picapau Amarelo:

"(...) destruiu a nossa obra de mudança para o Picapau Amarelo de todo o mundo da Fábuia. Sumiram-se de lá aqueles príncipes, princesas e heróis: Codadade, Branca de Neve, Peter Pan, Capinha Vermelha, Aladino, Belerofonte e até o nosso amigo Dom Quixote, com seu leal escudeiro Sancho." (*O Minotauro*: 31)

Dessa reutilização, dá conta, explicitamente, a transformação que sofre, em Lobato, o navio dos piratas do **Peter Pan**, de Barrie:

"Partimos no iate 'O Beija-flor das Ondas', a antiga 'Hiena dos Mares' do célebre Capitão Gancho e, de caminho, paramos aqui para conhecer a Atenas do período áureo. Eis tudo..." (O **Minotauro**: 32)

4.5 — Colagem

Aqui significando inserção, no texto, de material estranho ao verbal, mas de forma que, sem ele, o sentido ficaria prejudicado, o que não é o caso das ilustrações. A colagem, assim, é o que

"Dona Benta desenhou, como o nariz dela, umas coisas assim:" (Id.: 10-1)

passagem a que se seguem ornamentos gregos rabiscados pela avó dos meninos.

5 — O TECIDO DA REDUNDÂNCIA E A INFORMAÇÃO

Lobato, através dos recursos que se discriminou, manipula a redundância recolhida da tradição do gênero de histórias para crianças, cuja eficácia já fora comprovada, inclusive com a contribuição do destinatário mirim, participação essa verificada no atendimento de exigências da infância contada nesse acervo.

Na redundância de **O Minotauro**, Monteiro Lobato introduz elementos de informação, pois, ao fundir dois períodos helênicos, faz com que a eles subjaza a vida brasileira, o cenário e os costumes nacionais, a vivência infantil de seu país, invocados com frequência:

"Os bolinhos de tia Nastácia já estão famosos no Brasil inteiro. Quantas cartas a senhora não recebe das crianças, pedindo a receita dos bolinhos de tia Nastácia." (Id.: 105)

Cartas pedindo receitas, mas também dando conta ao Autor de sugestões e expectativas das crianças brasileiras capazes de influenciarem as histórias do **Picapau Amarelo**. Aí a informação maior, que outros elementos dela estão postos no próprio tecido da redundância, pois, ao tramá-lo, inova também. Originalidade conseguida na maneira de o "bricoleur" Lobato tecê-lo.

BIBLIOGRAFIA

- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1981.
- BARRIE, James. **Peter Pan**, Rio de Janeiro, Tecnoprint, 1972.
- BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fada**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.
- CHAVES, Flávio Loureiro. **Érico Veríssimo: Realismo & Sociedade**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1981.
- CORETH, Emerich. **Questões Fundamentais de Hermenêutica**. São Paulo, E.P.U., 1973.
- HELD, Jacqueline. **O Imaginário no Poder**, São Paulo, Summus, 1980.
- INGARDEN, Roman. **A Obra de Arte Literária**. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1979.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **O Pensamento Selvagem**. São Paulo, Cia. Editora Nacional — USP, 1970.
- LOBATO, Monteiro. **O Minotauro**. São Paulo, Brasiliense, 1978.
- MEIRELES, Cecília. **Problemas da Literatura Infantil**. São Paulo, Summus, 1979.
- RICOEUR, Paul. **Interpretação e Ideologias**. Rio de Janeiro, F. Alves, 1977.
- ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola**. São Paulo, Global, 1981.